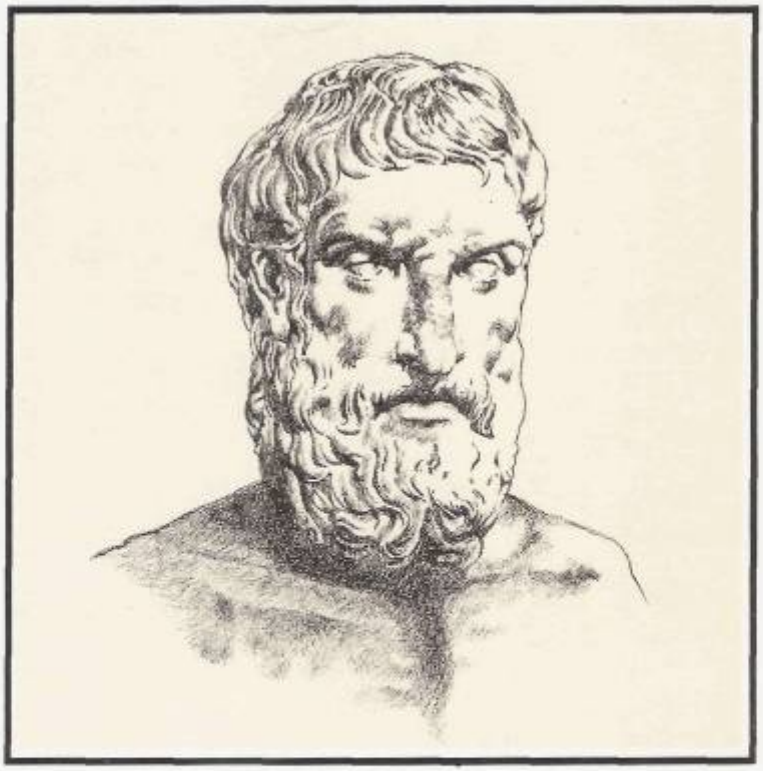
Epicuro
Lucrécio
Cícero
Sêneca
Marco Aurélio



Os Pensadores

Epicuro
Lucrécio
Cícero
Sêneca
Marco Aurélio

CONTRA-CAPA
Neste volume

EPICURO
ANTOLOGIA DE TEXTOS (séc. IV/III a.C.)
Pensamentos sobre a filosofia, a teoria do conhecimento,
a física e a ética — de um dos maiores filósofos da Antigüidade.

LUCRÉCIO
DA NATUREZA (séc. I a.C.)
Num longo e belo poema, Lucrécio expõe a doutrina atomista criada
por Leucipo e Demócrito e desenvolvida por Epicuro.

CÍCERO
DA REPÚBLICA (51 a.C.)
As várias formas de governo são analisadas à luz do ecletismo filosófico de um dos maiores nomes do pensamento romano.

SÊNECA
CONSOLAÇÃO A MINHA MÃE HÉLVIA (séc. **I a.C.)**
DA TRANQÜILIDADE DA ALMA (séc. **I a.C.)**
MEDÉIA (séc. I a.C.)
APOCOLOQUINTOSE DO DIVINO CLAUDIO (séc. I a.C.)
Obras representativas de um dos mais importantes filósofos estóicos da Roma Antiga, no tempo de Calígula e Nero.

MARCO AURÉLIO
MEDITAÇÕES (séc. II)
Reflexões morais do imperador-filósofo, adepto do estoicismo.

Seleção de textos: *José Américo Motta Pessanha*
Traduções e notas: *Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna*
Estudos introdutórios: *E. Joyau* (Epicuro) e *C. Ribbeck* (Lucrécio)
Consultor da Introdução Geral: *José Américo Motta Pessanha*

ORELHAS

Os Pensadores
Epicuro
Lucrécio
Cícero
Sêneca
Marco Aurélio

"Nunca se protele o filosofar quando se é jovem, nem canse o fazê-lo quando se é velho, pois que ninguém é jamais *pouco* maduro nem demasiado maduro para conquistar a saúde da alma. E quem diz que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou assemelha-se ao que diz que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz." EPICURO: *A Filosofia e o seu Objetivo*

"É indubitável que a matéria não forma um todo compacto, visto vermos que tudo se gasta e por assim dizer se desfaz ao longo dos tempos e se oculta na velhice aos nossos olhos; o conjunto, no entanto, parece permanecer intato, pois o que se retira de qualquer corpo, e por aí o diminui, vai aumentar aquele a que se junta: obrigam uns a envelhecer, outros a prosperar; e não param nesse ponto. Assim continuamente se renova o Universo e vivem os mortais de trocas mútuas. Aumentam umas espécies, diminuem outras, e em breve espaço se substituem as gerações de seres vivos e, como os corredores, passam uns aos outros o facho da vida." LUCRÉCIO: *Da Natureza*

"Não procedas como se houvesses de durar dez milênios; o fim inevitável pende sobre ti; enquanto vives, enquanto podes, torna-te um bom."
MARCO AURÉLIO: *Meditações*

FAZEM PARTE DESTA SÉRIE:

VOLTAIRE – MARX – ARISTÓTELES – SARTRE – ROUSSEAU – NIETZSCHE – KEYNES – ADORNO – SAUSSURE - PRÉ-SOCRÁTICOS – GALILEU – PIAGET – KANT – BACHELARD - DURKHEIM – LOCKE – PLATÃO – DESCARTES - MERLEAU-PONTY – WITTGENSTEIN – HEIDEGGER – BERGSON - STO TOMÁS DE AQUINO – HOBBES – ESPINOSA - ADAM SMITH – SCHOPENHAUER – VICO – KIERKEGAARD – PASCAL – MAQUIAVEL – HEGEL – ***E OUTROS***

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Epicuro, 342 ou 1-271 ou 70A.C.
E54a Antologia de textos / Epicuro. Da natureza / Tito Lucrécio Caro.
3.ed. Da república / Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia ;
Da tranqüilidade da alma ; Medéia ; Apocoloquintose do divino Cláudio
/ Lúcio Aneu Sêneca. Meditações / Marco Aurélio ; traduções e notas de
Agostinho da Silva ... [et al.] ; estudos introdutórios de E. Joyau e
G. Ribbeck. — 3. ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1985.
(Os pensadores)

Contém vida e obra de Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio.
Bibliografia.

1. Epicuristas 2. Estóicos 3. Filosofia antiga I. Lucrécio, 98?-55?A.C. II. Cícero, 106-43A.C. III. Sêneca, 4?-65 ou 6. IV. Marco Aurélio, 121-180. V. Silva, Agostinho da, 1906- VI. Joyau, Emmanuel, 1850-1924. VII. Ribbeck, G. VIII. Título. IX. Título: Da natureza. X. Título: Da república. XI. Título: Consolação a minha mãe Hélvia. XII. Título: Da tranqüilidade da alma. XIII. Título: Medéia. XIV. Título: Apocoloquintose do divino Cláudio. XV. Título: Meditações. XVI. Série.

CDD- 180
-187
84-1228 -188

índices para catálogo sistemático:
1. Epicurismo : Filosofia antiga 187
2. Estoicismo : Filosofia antiga 188
3. Filosofia antiga 180
4. Filósofos antigos 180

EPICURO

ANTOLOGIA DE TEXTOS

TITO LUCRÉCIO CARO

DA NATUREZA

MARCO TÚLIO CÍCERO

DA REPÚBLICA

LÚCIO ANEU SÊNECA

CONSOLAÇÃO A MINHA MÃE HÉLVIA

*

DA TRANQÜILIDADE DA ALMA

*

MEDÉIA

*

APOCOLOQUINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO

MARCO AURÉLIO

MEDITAÇÕES

Traduções e notas de **Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna**
Estudos introdutórios de **E. Joyau e G. Ribbeck**

1985 EDITOR: VICTOR CIVITA

Títulos originais: Texto de Lucrécio:
De Rerum Natura
Textos de Sêneca:
Ad Helviam Matrem de Consolatione
Ad Serenum de Tranquillitate Animi
Medea
Divi Claudi Apokolokintosis
Texto de Marco Aurélio:
Τὰ εις εαντὸν *(Meditações)*

© Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural, São Paulo, 1973 — 2.ª edição, 1980 —3.ª edição, 1985.
Traduções publicadas sob licença de Editora Globo S.A.,

Porto Alegre *(Antologia de Textos de Epicuro; Da Natureza);*
D. Giosa Indústrias Gráficas S.A., São Paulo *(Da República;*
Consolação a Minha Mãe Hélvia; Da Tranqüilidade da Alma; Medéia;
Apocoloquintose do Divino Cláudio); Editora Cultrix Ltda., São Paulo *(Meditações).*
Direitos exclusivos sobre "Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio — Vida e Obra", Abril S.A. Cultural, São Paulo.

EPICURO
ANTOLOGIA DE TEXTOS

Tradução e notas de **Agostinho da Silva** Estudo introdutório de **E. Joyau**

EPICURO

(por E. Joyau)

Epicuro era de Atenas. Sua família pertencia ao demo de Gargetos; era nobre, ao que parece, mas reduzida a grande pobreza; segundo certas tradições, remontava a Fileu, neto de Ajax. O pai do nosso filósofo, Néocles, fez parte dos colonos que os atenienses enviaram a Samos em 352 a.C. e entre os quais se realizou uma partilha de terras. Foi aí que nasceu Epicuro, no ano terceiro da 109.ª Olimpíada (341 a.C.) no mês de Gamelion. Certos historiadores, entre outros Diógenes Laércio, dizem que nasceu em Gargetos; parece, porém, que se trata de um erro. Mas se veio à luz em Samos era incontestavelmente de pais atenienses e não tinham razão nenhuma os seus adversários quando pretendiam que não era um verdadeiro cidadão. Por outro lado, foi completamente por acaso que Epicuro nasceu em Samos, como Pitágoras, e não há razão alguma para que se procurem no seu sistema vestígios de influência pitagórica. Néocles exercia o mister de mestre-escola; sua mulher, Queréstrata, adivinhava o futuro; ia às casas dos pobres conjurar o mau-olhado e atalhar as doenças; o filho acompanhava-a e recitava as fórmulas propiciatórias. Foi isso, sem dúvida, o que lhe deu oportunidade de conhecer de perto as superstições populares e os males que causa a credulidade dos homens.

Manifestou muito cedo a curiosidade do seu espírito. Não tinha mais de catorze anos, alguns dizem mesmo doze, quando o professor de gramática citou diante dele o verso de Hesíodo *No princípio todas as coisas vieram do caos.* "E o caos",

perguntou Epicuro, "donde veio ele?" O professor ficou atônito; disse que não lhe competia resolver a questão e que era necessário formulá-la aos filósofos. Os estudos do moço foram, pois, orientados nessa direção; compreendeu a importância e o interesse dos estudos filosóficos e foi escutar as lições das diferentes escolas. Foi então que conheceu Nausifanes, discípulo de Demócrito, de quem se devia inspirar em muitos pontos da doutrina. Ouviu um grande número de outros mestres sem se ligar a nenhum. Conheceu, pois, as filosofias anteriores, mas não se deu ao trabalho de as estudar, de as discutir a fundo. Seria, segundo nos parece, perder tempo investigar sobre o que ele deve ou sobre o que ele critica de cada uma delas. Os dois grandes sistemas de Platão e de Aristóteles teriam exigido, para serem bem conhecidos e compreendidos, um exame longo e paciente; teriam merecido ser discutidos ponto por ponto; Epicuro não se demorou nesse trabalho; talvez não fosse muito capaz de o executar; em todo caso, não sofreu a influência destas duas doutrinas e não se inspirou nelas.

Aos dezoito anos de idade veio pela primeira vez a Atenas, mas não permaneceu na cidade durante muito tempo. Foi então que travou relações com Menandro, que era da sua idade. Este último, num epigrama que nos chegou em parte, aproxima Epicuro de Temístocles: o pai de um, exatamente como o do outro, chamava-se Néocles; e, quanto aos dois filhos, "um de vós salvou a pátria da escravidão, o outro da irreflexão". Epicuro não pôde nesta época ouvir Aristóteles, que já se tinha retirado para Cálcis. Exerceu primeiramente, como seu pai, o ofício de mestre de letras e de gramática; só mais tarde abriu escola de filosofia, primeiro em Lâmpsaco, depois em Mitilene e Colofonte, por fim em Atenas, em 306 a.C, com a idade de trinta e seis anos.

Talvez tivesse vindo a esta cidade um pouco mais cedo e tivesse sido forçado a abandoná-la bruscamente. Depois da tomada de Atenas por Demétrio Poliorceto, Sófocles, filho de Anticlides, fez votar uma lei pela qual era proibido, sob pena de morte, abrir uma escola sem autorização do Senado e do povo; todos os filósofos tiveram que abandonar a cidade. A lei foi promulgada logo depois de derrubado

Demétrio de Falero e de ter sido restabelecida a liberdade; da mesma maneira tinha sido Sócrates condenado pelo tribunal dos Heliastas depois da expulsão dos Trinta Tiranos. É curioso notar como era fácil aos demagogos excitar a desconfiança do povo ateniense contra os filósofos. Mas logo no ano seguinte, graças à intervenção do peripatético Fílon, o decreto foi revogado e Sófocles, convencido de ter violado as leis, foi condenado a uma penalidade de 5 talentos. Os filósofos puderam então reentrar em Atenas e não foram inquietados mais. Não temos os elementos necessários para saber ao certo se Epicuro se contou entre aqueles a quem se impôs o êxodo; neste como noutros pontos, a nossa curiosidade fica excitada no mais alto grau e não encontra com que se satisfazer.

Comprou pelo preço de 80 minas (6 000 ou 7 000 francos) um jardim, isto é, uma pequena casa com um jardim, e foi aí que estabeleceu a sua escola. Que idéia deveremos fazer desses jardins de Epicuro de que nos falam todos os escritores antigos e que lhes pareciam constituir notável inovação? Não era um parque: Cícero emprega muitas vezes, para os designar, o diminutivo *hortuli:* era uma propriedade para renda mais do que uma propriedade de recreio, porque Epicuro no seu testamento fala dos rendimentos que dela recebia. E provável que as casas com jardim não fossem raras em Atenas, porque a cidade não era muito povoada e as habitações não estavam amontoadas umas sobre as outras; mas Epicuro, em lugar de reunir os seus auditores numa sala, num ginásio ou num pórtico, dava-lhes lições ao ar livre; não fazia os seus cursos a certas horas, mas passava todo o dia no jardim, falando familiarmente com uns e com outros, de modo que se não via nele um mestre rodeado de discípulos, mas um grupo de amigos que filosofavam juntos. A influência extraordinária que exerceu sobre os seus discípulos foi devida ao ascendente da sua personalidade mais que às suas doutrinas; como o disse Sêneca, Metrodoro, Hermarco, Polieno devem mais a terem freqüentado Epicuro do que a seu ensino. É com efeito um dos caracteres mais notáveis da escola epicurista esta amizade que não cessou de nela reinar, unindo por um lado os professores e os alunos, por outro lado os alunos entre si. Todos os escritores da Antigüidade estão

de acordo sobre este ponto; os adversários mais odientos nunca nos falam de dissensões, de rivalidades que tivessem dividido os epicuristas: "Foi ele próprio um homem bom, e houve muitos epicuristas, e ainda hoje existem, fiéis na amizade e em toda a sua vida graves e constantes".[1] Era de natureza terna, como o atestam a sua piedade com os pais, a sua bondade, com os irmãos, a sua delicadeza com os escravos e em geral a sua humanidade com todos. Parece, por outro lado, ter sido muito amável. Metrodoro de Lâmpsaco, desde o dia em que conheceu Epicuro, nunca mais o deixou, exceto para uma viagem que fez à sua pátria. Na carta a Idomeneu, escrita mesmo no dia da morte, dizia ele: "Em nome da amizade que sempre me testemunhaste, toma conta dos filhos de Metrodoro".

Segundo certos comentadores, Epicuro, além do seu jardim de Atenas, teria ainda possuído uma casa de campo em Melite e tê-la-ia legado também à sua escola. Mas se examinarmos os planos de Atenas e da Ática que foram reconstituídos pelos arqueólogos, vemos que o nome Melite designa não uma localidade distinta mas um bairro da cidade perto da porta ocidental. Achamos, pois, que Epicuro não tinha duas propriedades, uma dentro, outra fora das muralhas, mas uma só, compreendendo jardim e casa de habitação, situada em Atenas, muito perto da extremidade do subúrbio.

Apesar das perturbações que afligiram a Grécia, Epicuro passou em Atenas toda a segunda parte da sua vida, exceto duas ou três viagens que fez aos confins da Jônia, para visitar amigos. Não se meteu em assuntos públicos, não desempenhou nenhum papel nas sucessivas revoluções da sua pátria, não atraiu sobre ele próprio nem sobre os seus amigos o ódio de nenhum partido. A sua carreira não foi, portanto, assinalada por nenhum acontecimento importante e os historiadores antigos não nos contam a seu respeito nenhuma anedota interessante. Durante um cerco da cidade, quando os habitantes sofriam cruelmente de fome, alimentou os seus discípulos partilhando com eles as provisões de favas que tinha tido a

[1] *Cícero, De Finibus, II, XXV, 80, 81.*

precaução de pôr de reserva e dando aos outros exatamente o mesmo que guardava para si próprio.

O êxito que obteve não foi efêmero; prolongou-se sem interrupção durante trinta e seis anos; consolou Epicuro dos cruéis ataques de uma terrível doença, a pedra; suportou-a com uma grande firmeza e morreu em 270 a.C, no segundo ano da 127.ª Olimpíada, com a idade de setenta e dois anos. Dava desta firmeza sinais bem engenhosos e bem delicados. "Durante as minhas doenças", escreve ele, "não falava a ninguém do que sofria no meu miserável corpo; não tinha essa espécie de conversação com aqueles que me vinham visitar: não falava com eles senão daquilo que desempenha na natureza o primeiro papel. Procurava sobretudo fazer-lhes ver que a nossa alma, sem ser insensível às perturbações da carne, podia no entanto manter-se isenta de cuidados e no gozo pacífico dos bens que lhe são próprios. Ao chamar os médicos, não contribuía com a minha fraqueza para lhes fazer tomar ares importantes, como se a vida que eles procuravam conservar-me fosse para mim um grande bem. Mesmo nesse tempo vivia eu tranqüilo e feliz."

A sua constância não se desmentiu mesmo no momento da morte; eis aqui a sua última carta a Idomeneu: "Este dia em que te escrevo é o último da minha vida e é também um dia feliz. Sinto tais dores de bexiga e de entranhas que nem se poderia imaginar dores mais violentas; mas estes sofrimentos são compensados pela alegria que traz à minha alma a recordação das nossas conversações". Nos últimos tempos da sua vida, não podia nem sequer suportar os vestuários, nem descer da cama, nem consentir luz, nem ver lume. Conta Hermarco que, depois de ter sido atormentado por dores incessantes durante catorze dias, pediu que o metessem numa bacia de bronze cheia de água quente para dar alguma trégua ao mal; em seguida bebeu um pouco de vinho, exortou os amigos a lembrarem-se dos seus preceitos e nesta conversação terminou a vida. Guyau compara a serenidade da morte de Epicuro à de Sócrates. Outros historiadores, pelo contrário, foram até o ponto de dizerem que estas práticas constituíam um verdadeiro suicídio. Não somos desta opinião: o recurso a uma morte voluntária em tais circunstâncias não

teria estado de acordo com os ensinamentos de Epicuro e nada na sua atitude, no decurso dos últimos tempos, nos autoriza a crer que ele queria ter dado a si próprio um desmentido tão formal. Se tivesse tomado tal caminho, ter-se-ia desacreditado aos olhos dos discípulos; a prova de que esta suspeita não penetrou nos seus espíritos ou não encontrou aí nenhuma aceitação é a própria persistência da escola e da veneração pela pessoa do mestre.

Epicuro tinha três irmãos, que morreram antes dele: Néocles, Caridemo, Aristóbulo; Plutarco cita-os como modelo de amizade fraternal.

No seu testamento preocupa-se com assegurar a perpetuidade da sua escola: os seus executores testamentários deverão velar por que os jardins fiquem propriedade da seita epicurista; serão, pois, ocupados por Hermarco (Epicuro tinha primeiro designado como sucessor o seu amigo Metrodoro, mas, como este morrera sete anos antes do mestre, este substituiu-o por Hermarco, que tinha adotado todas as suas doutrinas); depois dele, passarão àquele que lhe suceder como chefe de escola: além disso, todos os epicuristas se reunirão lá periodicamente para tomar parte em refeições em comum e para celebrar o aniversário da morte do seu chefe, de maneira a alimentarem a amizade que os une. Esta amizade, como o faz notar Dugas,[2] tem caracteres muito especiais: "Nesta amizade entra o espírito de seita; os amigos devem ter a mesma fé filosófica... Põe por condição à sua amizade que lhe abracem a doutrina; cumula de benefícios os filhos de Metrodoro e de Polieno, mas exige deles que obedeçam ao seu sucessor Hermarco, que vivam e filosofem com ele; quanto à filha de Metrodoro, estará também submetida a Hermarco; aceitará o marido que ele escolher e esse marido será epicurista". Esta cláusula foi observada durante muito tempo. No entanto, na época de Cícero os jardins, que estavam então em muito mau estado, tinham-se tornado propriedade de um romano, C. Memmius. Cícero escreveu-lhe para lhe pedir que os restituísse à seita epicurista; não sabemos qual foi o resultado desta diligência.

[2] *Dugas, L 'Amitié Antique, 1.I, ch. II, p. 33.*

Há mais ainda: Epicuro, que durante a sua vida tinha tomado a seu cargo os filhos do seu amigo Metrodoro, recomenda-os aos seus executores testamentários, a fim de que lhes não falte nada. Finalmente, dá a liberdade a quatro dos seus escravos, três homens e uma mulher.

Este testamento faz grande honra a Epicuro, porque está de acordo com toda a sua vida; não podemos ver nele uma peça de efeito destinada a tomar de surpresa a admiração, e a perturbar o juízo da posteridade. Se Epicuro reuniu à sua volta um grande número de amigos que lhe ficaram fiéis, é porque de tal foi digno, é porque era na verdade um homem excelente e os seus inimigos não puderam recusar-lhe este testemunho: "Quem nega que ele foi um homem bom, agradável e humano?"[3]

No princípio da edição das *Animadversiones in librum Diogenis Laertii, de* Gassendi, publicado em Lião, por Guill. Barbier, em 1649, encontramos um retrato de Epicuro segundo um original conservado na coleção du Puy. Usener, no frontispício do seu volume, reproduziu, segundo uma fotografia, um busto em bronze de Herculanum, publicado também por Comparetti e Petra. Em uma destas imagens o filósofo é representado de perfil, na outra, de frente. "A cabeça", diz Chaignet, "é forte; as feições, sobretudo o nariz, acentuadas; os lábios espessos; a expressão calma, benevolente mais que severa, sincera e simples, mas sem espírito, sem graça e sem sorriso; não é de admirar que, quando desejava ser amável e gracejar, os seus cumprimentos, como lho censuravam, traíssem o esforço e fossem um pouco pesados."

*

Epicuro tinha agrupado uma multidão de discípulos e depois da sua morte a prosperidade da escola manteve-se até os últimos dias do paganismo, embora haja sem dúvida muito exagero nas frases de Cícero e de Sêneca: "Realmente Epicuro, numa só casa e esta mesmo pequena, reuniu, pelo consentimento de uma grande conspiração de amor, um elevadíssimo número de amigos; e é isto o que mesmo

[3] *Cícero, o. c, 1. c.*

agora acontece com os epicuristas". O número de epicuristas despertava provavelmente a inveja dos estóicos, cujos preceitos austeros não podiam ser postos em prática senão por um raro escol.

Segundo parece, Epicuro abriu a sua escola alguns anos depois de Zenão. Em todo caso, era sensivelmente mais novo do que este último, e morreu muito antes dele, porque não viveu senão setenta e dois anos, ao passo que Zenão atingiu a idade de oitenta e oito anos. No entanto, o epicurismo não foi uma reação contra a severidade dos estóicos e nenhum dos dois sistemas exerceu qualquer influência sobre a constituição do outro; é provável que mais tarde não tenha acontecido o mesmo, a luta entre as duas escolas rivais tornou-se cada vez mais áspera e mais encarniçada, muitos homens, não se sentindo com forças de aderir ao estoicismo, lançaram-se na doutrina oposta; mas não é a um sentimento desta natureza que se deve atribuir o aparecimento do epicurismo.

O que nos impressiona primeiro é a docilidade com que os discípulos aceitaram as doutrinas do mestre e as conservaram sem alteração. O epicurismo não tem história: está todo ele nos ensinamentos de Epicuro e o tempo não lhes trouxe nenhuma modificação; nenhum dos epicuristas foi um filósofo original, nenhum procurou ganhar qualquer nomeada. No entanto, parece-nos justo mencionar alguns dos discípulos imediatos de Epicuro.

Metrodoro de Lâmpsaco, a quem Cícero chama "quase um outro Epicuro" e a quem o próprio mestre tinha conferido o título de Sábio. São algumas vezes apresentados como sendo dele os fragmentos de um tratado *Acerca das Sensações* publicados no tomo sexto dos papiros de Herculano, mas a atribuição é duvidosa. Metrodoro morreu sete anos antes de Epicuro, que não deixou de lhe cuidar dos filhos. Existe no Louvre um busto de Epicuro com duplo rosto, representando de um lado o mestre, do outro o discípulo inseparável.

Polieno, que morreu também antes do seu mestre, era um distinto matemático. Hermarco de Mitilene é muitas vezes designado pelo nome de Hermarco; mas, segundo Zeller, não devem subsistir dúvidas sobre o seu nome

verdadeiro; foi a ele que coube a direção da escola depois da morte do fundador. Ao mesmo grupo pertencia ainda Colotes, contra quem Plutarco devia escrever um livro quatrocentos anos mais tarde.

A admiração pelo gênio do mestre que Lucrécio exprime em tantos passos, a adesão sem reservas à sua doutrina, são sentimentos comuns a toda a escola. Ficavam encantados pelos ensinamentos de Epicuro como se fosse pelo canto das sereias; recebiam como verdades incontestáveis os princípios formulados pelo mestre; a convicção que tinham era profunda, o dogmatismo intransigente; aprendiam de cor as fórmulas do sistema e tinham um grande cuidado em não deixar perder nada daquilo que o mestre tinha dito ou escrito; tocar num só ponto da doutrina era a seus olhos um verdadeiro sacrilégio. "Epicuro", diz Crouslé, "foi o fundador e o deus de uma espécie de religião nova... os discípulos de Epicuro formavam na realidade uma pequena igreja." Esta docilidade é muito nova entre os gregos, cujo espírito era audacioso e independente. "A aparição e o êxito do epicurismo atestam", segundo Croiset, "um enfraquecimento notável do pensamento especulativo da Grécia."

A extrema docilidade dos epicuristas deu motivo a uma singular acusação: censuraram-nos de terem considerado Epicuro como um deus e de o terem adorado. Sem dúvida praticavam-se nessa pequena sociedade certos ritos, realizavam-se reuniões para festas, para repastos em comum, celebravam-se aniversários, rodeava-se de um verdadeiro culto a memória do mestre, elevavam-se estátuas, os discípulos entusiastas traziam sempre sobre eles a sua imagem, ou então um anel, como os escravos forros; diziam que era bem digno do seu nome de "auxiliador" *(epi-kourios)*. Alguns evidentemente não souberam parar a tempo em tal caminho; nos espíritos medíocres a superstição depressa se vinga da abolição das crenças religiosas. Assim Néocles, irmão de Epicuro, escreveu, segundo se diz, que a mãe tinha sido bem feliz por ter juntado no seu seio os átomos que tinham formado um tal sábio. Quanto aos versos de Lucrécio, que iguala Epicuro aos deuses e o põe acima de Hércules ou de Ceres, não podemos ver nisso outra coisa

que não seja um brilhante desenvolvimento poético; o que o resto do poema nos faz conhecer do caráter e dos sentimentos do autor não nos permite ter dúvidas sobre o sentido destas expressões.

Mas, segundo se afirma, um dia Colotes lançou-se aos pés do mestre e adorou-o; Epicuro teve o maior cuidado em não o desenganar. Responderemos primeiro que esta anedota, embora seja contada por Diógenes Laércio, não é talvez muito autêntica; pode ser que tenha sido completamente inventada ou que ao menos o aspecto lhe tenha sido singularmente alterado pelos seus adversários. Em todo caso. é única e é necessário que *não* tiremos dela conclusões exageradas. Que Colotes. que era do número dos pequenos espíritos de que falávamos há pouco, se tivesse deixado levar por um entusiasmo irrefletido, que o próprio Epicuro tenha ficado um momento embriagado pelo prestígio que lhe reconheciam os seus amigos — eis aí alguma coisa de muito humano e esta fraqueza passageira não nos parece manchar seriamente o valor do sistema.

Tem havido grande indignação pelo fato de a escola estar aberta às mulheres e por várias terem nela desempenhado um papel importante. Parece desconhecer-se a liberdade de que gozavam as mulheres na sociedade ateniense e o gosto que manifestaram algumas pela cultura intelectual; parece esquecer-se sobretudo que Sócrates tinha prazer em conversar com mulheres, mesmo com cortesãs, e especialmente com Aspásia. Havia um grande número de mulheres nas escolas de Pitágoras e de Platão. Os costumes dos epicuristas não parecem ter sido diferentes dos dos seus compatriotas e dos seus contemporâneos; seria muitíssimo injusto acusá-los de um crime de práticas que a nossa moral condena, mas que não tinham sido eles a introduzir na Grécia. Nada é mais falso do que o quadro delineado por vários escritores que representam o jardim de Epicuro como uma espécie de local mal freqüentado, como o teatro de encontros obscenos. Comparam-nos às cavalariças de Augias, a um chiqueiro de porcos; dão pormenores precisos que fazem honra à sua imaginação, mas não ao seu sentido crítico.

Acusam-se ainda os epicuristas de se terem entregue aos prazeres da mesa, de terem sido familiares com todos os excessos do comer e do beber. É fácil dizê-lo, mas é difícil apresentar uma prova. Diz-se que gostavam de se reunir para refeições em comum; mas qual era o cardápio destas refeições? Eram festins, banquetes, cujo calor comunicativo provoca toda espécie de desvarios de linguagem e de comportamento? Não eram, antes, reuniões cujo principal encanto residia no prazer de se tornar a encontrar, de estarem juntos pela comunidade das idéias e dos sentimentos? Da sobriedade do próprio Epicuro temos nós provas irrecusáveis: gastava pouquíssimo na sua alimentação diária: "Hermarco", escreveu ele, "gaba-se de gastar só um asse por dia na sua alimentação; mas eu nem mesmo um asse gasto". Contentava-se muito bem com pão e água; pede a um dos seus amigos que lhe envie um queijo para os dias em que se quiser ofertar um mimo especial. Não é pelo atrativo da boa comida que ele pretendia atrair os seus discípulos; era nestes termos que ele resumia o programa da sua escola: "Estrangeiro, aqui te encontrarás bem: aqui reside o prazer, o bem supremo. Encontrarás nesta casa um mestre hospitaleiro, humano e gracioso, que te receberá com pão branco e te servirá abundantemente água clara, dizendo-te: Não foste bem tratado? Estes jardins não foram feitos para irritar a fome, mas para a apaziguar, não foram feitos para aumentar a sede com a própria bebida, mas para a curar por um remédio natural e que nada custa. Eis aqui a espécie de prazer em que eu tenho vivido e em que envelheci".

É certo que se não poderia dizer o mesmo de todos os epicuristas; houve muitos cujas desordens explicam e justificam a má reputação da escola. Mas, como Sêneca nota muito judiciosa-mente, não foi por uma fiel aplicação dos princípios de Epicuro que eles se abandonaram às suas paixões; procuram, pelo contrário, colorir as suas paixões com o nome de epicurismo que eles usurparam. Seria injusto tornar o mestre responsável pelo procedimento destes pretensos discípulos, tanto mais que os adversários do epicurismo abusaram estranhamente desta palavra: afetaram confundir com os epicuristas personagens cujo procedimento e cujo caráter nada

tinham de filosófico, revestindo com o nome homens que não cuidavam de nenhum sistema nem de nenhuma doutrina. Não nos venham, portanto, falar mais dos porcos do rebanho de Epicuro: estes porcos, porque muitos não mereciam outro nome, não eram epicuristas.

Para bem se compreender o caráter do epicurismo, para lhe explicar o êxito maravilhoso e duradouro, é preciso considerar as circunstâncias em que foi concebido e ensinado. Era alguns anos depois das prodigiosas conquistas e da morte súbita de Alexandre, enquanto os generais disputavam entre si e partilhavam a sua herança. As repúblicas gregas tinham perecido uma após outra; já não havia em parte nenhuma nem liberdade nem vida política. A antiga religião já não tinha crentes e não podia satisfazer aos espíritos. Também tinha passado o tempo das grandes construções especulativas. Platão tinha morrido em 347 a.C, sete anos antes do nascimento de Epicuro, Aristóteles em 322 a.C; nenhum metafísico original lhes tinha sucedido. O pensamento grego manifestava numerosos sinais de lassidão. Os filósofos que continuavam a ensinar na Academia e no Liceu não tinham iniciativa e cada vez amesquinhavam mais as doutrinas de seus mestres. Já não havia interesse senão pelas questões que diretamente dizem respeito à vida prática; e, como há duas espécies de espírito, duas maneiras de encarar a natureza do homem e as suas relações com o conjunto das coisas, surgiram dois sistemas opostos que foram acolhidos com entusiasmo por um grande número de adeptos, o epicurismo e o estoicismo: a origem e o desenvolvimento destes dois sistemas são exatamente contemporâneos e paralelos. Ainda mais: o epicurismo e o estoicismo são de todos os tempos; as duas doutrinas contam ainda nos tempos modernos um grande número de partidários.

A. Croiset, na sua *História da Literatura Grega,* diz que o princípio da moral epicurista era fundamentalmente perigoso e que fez ao mundo antigo muito mal. Pensamos, pelo contrário, que a voga do epicurismo e, não hesitamos em dizê-lo, a transformação que ele sofreu são o efeito e não a causa da decadência dos costumes. Eis o que sobre o assunto escreveu Curtius: "Todos os nobres

sentimentos que tinham florescido na Grécia tinham a sua razão de ser na idéia de Estado. Por isso, logo que o povo viu que lhe interditavam este terreno, logo que viu que já não tinha pátria e que a própria vida municipal estava decaindo, perdeu todas as virtudes que tinha herdado do passado... O bem-estar material, o conforto da vida de pequena cidade, eis o que a multidão se pôs a procurar. Todos os nobres instintos se foram enfraquecendo de dia para dia".

Droysen traça um quadro mais sombrio ainda do estado da Grécia no começo do século IV: "As massas empobrecidas, imorais; uma juventude asselvajada pelo mister de mercenários, estragada pelas cortesãs, desequilibrada pelas filosofias em moda; uma dissolução universal, uma ruidosa agitação, uma febril exaltação a que sucedem a distensão e uma estúpida inércia, tal é o quadro deplorável da vida grega nessa altura... (Em especial em Atenas) estas duas coisas, a leviandade mais frívola e de maior abandono, e a cultura delicada, amável e espirituosa que se designou depois com o nome de aticismo, são os traços característicos da vida de Atenas durante o domínio de Demétrio de Falero. É uma questão de bom-tom visitar as escolas dos filósofos; o homem da moda é Teofrasto, o mais hábil dos discípulos de Aristóteles, que sabe tornar popular a doutrina de seu ilustre mestre, reúne mil ou dois mil alunos à sua volta e que é mais admirado e mais feliz do que nunca o foi seu mestre. No entanto, este Teofrasto e uma quantidade de outros professores de filosofia eram eclipsados por Stilpon de Megara. Quando Stilpon vinha a Atenas, os artífices deixavam as suas oficinas para vê-lo e todos os que podiam acorriam para o ouvir; as heteras afluíam às suas lições para o ver e para serem vistas em sua casa, para exercerem na sua escola o vivo espírito que fazia o seu encanto na mesma medida dos vestuários sedutores e da arte de reservar os seus últimos favores. Estas cortesãs gozavam da companhia habitual dos artistas da cidade, pintores e escultores, músicos e poetas; os dois autores cômicos mais célebres do tempo, Filêmon e Menandro, louvavam publicamente nas suas comédias os encantos de Glicera e disputavam-se publicamente os seus favores, prontos a esquecê-la por outras cortesãs no dia em

que ela encontrava amigos mais ricos do que eles. Da vida de família, da castidade, do pudor já se não fala em Atenas; talvez se mencionem; toda a vida se passa em frases e em ditos graciosos, em ostentação e em agitada atividade. Atenas lança aos pés dos poderosos a homenagem dos seus louvores e do seu espírito e aceita como recompensa os seus dons e as suas liberalidades... Apenas se temia o tédio ou o ridículo e tinham-se os dois até à saciedade. A religião tinha desaparecido e o indiferentismo do livre-pensamento não tinha feito senão desenvolver ainda mais a superstição, o gosto da magia, das evocações e da astrologia; o fundo sério e moral da vida, expulso dos hábitos, dos costumes e das leis, pelo raciocínio, era estudado teoricamente nas escolas dos filósofos e tornava-se objeto de discussões e de querelas literárias".[4] "O epicurismo", diz por seu lado Denis. "não corrompeu nada e não matou nada na Grécia porque já não havia mais nada para corromper e para matar."[5]

O mérito de Epicuro está em ter compreendido que havia alguma coisa que reclamava um grande número de espíritos e em ter-lhes dado satisfação de uma forma admirável. Muitos homens, com efeito, preocupam-se acima de tudo em ser felizes; a felicidade é o último termo das suas aspirações; mas, como são inteligentes, não podem recusar o terem em conta as exigências do seu espírito; não poderiam ser completamente felizes se não dessem uma razão plausível da sua regra de procedimento; sentem a necessidade de conceber uma explicação do espetáculo que apresentam os seres e os fenômenos do mundo, mas não apresentam muitas dificuldades, não são muito exigentes em matéria de explicação; contentam-se de boa vontade com a primeira teoria que lhes propõem, que julgam compreender e que aceitam com confiança; não se dão ao trabalho de a complicar, de a aprofundar; se as suas doutrinas apresentam algumas contradições, não dão por isso ou não se inquietam com a sua resolução. O epicurismo trazia-lhes precisamente aquilo que eles pediam: "Ó aberta e simples e direta via", diz Cícero.[6] Na luta contra o estoicismo, os epicuristas conservaram uma atitude mais defensiva

[4] *Droysen, Histoire de l'Hellénisme. Trad. Bouché-Leclerc, t. II, I. III, ch. III.*
[5] *J. Denis, Histoire des Idées Morales dans s 'Antiquité, l'Antiquité, I, p. 298.*
[6] *Cícero, De Finibus, I, XVIII, 57.*

que ofensiva; respondiam às acusações dos seus adversários, mas de modo algum empreendiam a crítica dos dogmas sobre os quais estes fundavam o seu sistema. Tais homens, considerando a imensidade do universo e o pequeno lugar que nós temos dentro dele, a impossibilidade em que nós estamos de triunfar sobre as forças e as leis da natureza, não empreendem a luta; facilmente se acomodam com a nossa fraqueza, procuram adaptar-se o melhor possível às condições que nos foram determinadas e fazem o possível por passar agradavelmente o pouco tempo que nós temos para viver. Alguns dentre eles são homens de um espírito muito fino e muito delicado; o que lhes falta é a energia da vontade. Muitas vezes se lhes têm acusado de covardia: é proferir uma palavra bastante violenta que não parece justificada. O epicurista não é um covarde: primeiro, trabalha por se libertar dos temores que tornam tão infelizes a maior parte dos homens; depois, se acontece ser atingido por algum infortúnio, procura consolar-se sem fazer esforços sobre-humanos e sem se enganar a si próprio com frases ambiciosas. Compreende-se, pois, a aversão que inspira tal sistema àqueles cujo caráter é feito sobretudo de altivez e coragem, que têm uma idéia mais alta da dignidade do homem, que não se propõem outro objetivo senão o de ser fortes, e àqueles também que, convencidos de que o único objeto digno de nós é o conhecimento da verdade, põem as investigações científicas acima da busca da felicidade.

Epicuro é um dos escritores mais fecundos da Antigüidade: tinha composto mais de trezentos tratados e estas obras eram realmente dele, não as aumentava por meio de citações tiradas aos seus antecessores. Também Crisipo escreveu muito, porque não queria parecer inferior em nada aos seus adversários; mas seus livros eram antes réplicas, polêmicas, do que exposições sistemáticas; além disso, a sua abundância era mais aparente que real, porque muitas páginas estavam cheias de citações tomadas aqui ou além.

Diógenes Laércio transmitiu-nos os títulos dum certo número de obras de Epicuro: um *Tratado da Natureza,* em trinta e sete livros, sobre os átomos e o vácuo, resumo do que se escreveu contra os físicos; objeções dos megarenses; dos deuses,

da santidade, dos fins, das maneiras de viver (quatro livros), da justiça e das outras virtudes, dos dons do reconhecimento, da música; depois, livros intitulados Queredemo, Hegesianax, Néocles, Euríloco, Aristóbulo, Timócrates (três livros), Metrodoro (cinco livros), Andidoro (dois livros), Anaxímenes: é impossível arriscar a menor conjetura sobre qual fosse o objeto de cada uma destas obras. Além disso, o mesmo historiador reproduz textualmente, como já o dissemos, uma carta a Heródoto, uma a Pítocles, uma a Meneceu, uma coletânea de máximas principais e o testamento do filósofo. Mas, ao passo que os epicuristas estudavam religiosamente todos os escritos do seu mestre e não liam outros, todos os outros filósofos professavam o mais profundo desdém pelos livros de Epicuro e de seus discípulos. Os admiradores fanáticos de Epicuro dizem que ele arruinou a saúde à força de trabalhar; é provavelmente um erro; mas não menos falsa é a lenda segundo a qual as suas doenças tiveram por causa a sua devassidão e o seu amor imoderado pelos prazeres da mesa.

Epicuro não deve ser contado entre os bons autores: desprezava a glória literária e não se dava ao cuidado de apurar o seu estilo: "Não me dou ao trabalho de escrever", dizia ele; "não havia necessidade nenhuma de ter educação literária aquele que pretendia ser filósofo".[7] Improvisava e não fazia correções. Fazia pouco caso das artes, o que se lhe censurou muitas vezes e o que nos pode admirar da parte de um grego. Não esqueçamos que, se Epicuro ensinava em Atenas, não tinha nascido na cidade e não tinha passado nela a sua mocidade; a sua primeira educação tinha sido muito sumária; é talvez por isso que o seu estilo e o seu gosto deixavam a desejar. Acusam-no de escrever mal, de empregar termos baixos, locuções incorretas; outras vezes censuram-no por ter introduzido vários neologismos: é esta uma crítica que se não pensaria em dirigir hoje a um filósofo ou a um sábio. A maior parte dos antigos está de acordo em reconhecer-lhe o mérito da clareza; Cícero contesta-lho muitas vezes, mas não sempre: "Exprime nas suas palavras o que deseja e diz claramente o que hei de entender".[8] Parece, com efeito, que, dado

[7] *Cícero, De Finibus, II, IV, 12.*
[8] *Cícero, op.cit.,I,V, 15.*

o caráter que procurou imprimir ao seu sistema e à espécie de discípulos a que faz apelo, o que ele pretende, acima de tudo, é a clareza. "Tem nervo e energia", diz Croiset, "mas, de nenhum modo, emoção ou imaginação."

As suas graças são raras e pesadas, e nada há nele que lembre a ironia socrática. Que há na aparência de mais claro e de mais simples do que o epicurismo? Ao se refletir melhor apresentam-se muitas dificuldades e formulam-se perguntas às quais o mestre não dá senão uma resposta evasiva: as explicações parecem-nos muitas vezes insuficientes, mas ele não se detém por tão pouco. Certos autores, entre outros Plutarco, censuram-no por se não ter dado ao trabalho de estudar e de refutar as teorias dos seus antecessores, sobretudo de Platão e de Aristóteles; é uma crítica à qual não teria sido sensível, porque não fazia caso da erudição e declarava inútil a investigação curiosa da história. Não tinha estudado as matemáticas que são, segundo Platão, o vestíbulo da filosofia. Alguns comentadores, interpretando certos textos de Cícero, pensam que Epicuro tinha um ensino exotérico e um ensino esotérico. Clemente de Alexandria diz que os epicuristas tinham doutrinas secretas que não revelavam ao vulgo e tomavam o maior cuidado em não escrever; não nos parece que isto seja verossímil.

Epicuro não é um filósofo original: nenhuma das suas teorias deixou de ser bem antes dele ensinada por algum outro; e, no entanto, se não imaginou uma teoria própria sobre os princípios das coisas, não nos apressemos a concluir que o seu gênio não era bastante poderoso para que o fizesse; não dava, conforme dissemos, grande importância ao estudo das ciências naturais e não lhes reconhecia valor senão na medida em que elas trazem à moral um auxílio necessário. Ocupou-se, pois, longamente das questões de física; o seu tratado *Da Natureza* não tinha menos de trinta e sete livros. Todos os historiadores estão de acordo sobre um ponto, o de que ele não fez progredir nem a ciência nem a filosofia; mas também não manifestou nunca tais ambições. Gabava-se, segundo se diz, de não dever nada a ninguém, de ser o único autor do seu sistema e não se cansava de troçar, mais ou menos espirituosamente, de todos os filósofos anteriores: não há nisto uma

contradição que não é precisamente em seu abono? Dizia que Nausífanes não era mais do que um pulmão, sem dúvida por causa da força e da beleza da voz; Platão, um homem de ouro, amigo do fausto; Aristóteles, um devasso, que tinha devorado todo o seu patrimônio; Protágoras, um moço de fretes; Heráclito, um trapalhão; os Cínicos, os inimigos da Grécia; os Dialetas, uns corruptores; Pirro, um ignorante e um homem mal educado; Demócrito, um mestre de primeiras letras.

Em primeiro lugar, seria necessário saber — o que se não pode conseguir — a que se reduzem ao certo estas graças de que tanto se fala. Deveremos ver nelas afirmações que lhe eram habituais ou ditos lançados no decurso de uma conversação familiar e que foram repetidos por auditores divertidos, depois habilmente explorados pela malignidade dos seus adversários? Tomemos cuidado, não sejamos induzidos em erro pelo aoristo de hábito: pode apresentar-nos como uma linguagem habitual de Epicuro o que na realidade não disse senão uma vez; e ainda nos seria necessário saber em que circunstâncias.

Com efeito, numerosos testemunhos nos atestam que Epicuro fazia um grande elogio de Demócrito e declarava que muitas vezes se tinha inspirado nele; quanto a Nausífanes, tinha talvez razões pessoais para lhe querer mal. É muito verossímil que perdesse a paciência ante os mesquinhos ataques de seus adversários, que se não cansavam de lhe repetir o nome dos antigos filósofos, pretendendo que os tinha pilhado sem misericórdia e que, passando da defensiva à ofensiva, troçasse deles para separar a sua causa da dos outros. É provável que os discípulos tenham exagerado esta tendência do mestre e que se tenham divertido com pilhérias ainda mais irreverentes contra homens pelos quais a maior parte dos seus contemporâneos professava um profundo respeito; mas trata-se de uma falta de gosto de que não devemos acusar o próprio Epicuro. Pode-se também tomar num sentido favorável a frase de que nada tinha aprendido com mestre algum: dizia e acreditava provavelmente que, se sustentava tal ou tal teoria, não era porque Demócrito ou Aristipo lha tinham ensinado, mas porque ele próprio a tinha reconhecido como verdadeira; mas nisto se iludia, porque não teria encontrado

todas estas idéias se outros antes dele as não tivessem tido e lhe não tivessem indicado o caminho. Quando sustentamos que Epicuro foi um grande homem, não deixamos de reconhecer que foi um homem e que, embriagado pelo êxito da sua doutrina, pelos aplausos dos seus alívios, fez do seu mérito uma idéia demasiado alta, assim como do seu papel e do valor do seu sistema. Longe de nós o pensamento de pôr de lado todos os ditos que lhe atribuem; traem uma vaidade excessiva e sobretudo deslocada; mas parece-nos que esta vaidade é, se não desculpável, pelo menos explicável. Na sua admiração exclusiva por Epicuro, Lucrécio exagera ainda esta reivindicação de originalidade e desconhece todos os antigos filósofos.

É esta uma censura que teremos de fazer várias vezes a Epicuro: não se deteve a tempo; talvez julgasse que exagerando-o dava mais força ao seu pensamento. Condenou, assim, em termos formais o estudo de todas as ciências e foi a instâncias suas que um dos seus amigos, Polieno, renunciou a cultivar as matemáticas. Na verdade, não fazia mais do que retomar a opinião de Sócrates; ensinava este que os homens fazem mal em perder tempo com buscas só determinadas pela curiosidade sobre assuntos que lhes importam pouco ou mesmo nada, quando deveriam concentrar todos os seus cuidados sobre as coisas que dizem respeito à sua felicidade.

"Os filósofos pós-aristotélicos". diz Brandis, "fizeram como Sócrates: tornaram a trazer a filosofia do céu à terra." É impossível ir mais longe sem se contradizer abertamente; não se poderia formular uma teoria moral senão apoiando-se numa filosofia e, por seu turno, a filosofia não sabe senão o que a ciência lhe ensinou. Epicuro reconhece-o, visto que se deu ao trabalho de edificar um sistema completo; vê como é exigente a curiosidade do espírito, mas imagina que se pode contentar com uma satisfação qualquer e não acredita que a fraqueza da sua física possa comprometer a solidez da sua moral. Pensa mesmo que a investigação profunda das dificuldades científicas pode prejudicar a retidão natural do espírito e que os que mostram mais bom senso são aqueles que menos se

importam com ciência. O tom de Epicuro é sempre muito afirmativo; tem horror do ceticismo. Esta teoria, diz ele, é contraditória: como é que um homem pode saber que não sabe nada? O que ele principalmente censura no ceticismo é o não poder fundamentar uma regra de procedimento, porque sempre procedemos segundo aquilo que acreditamos; a ética deve, portanto, ter por base um conjunto de convicções bem firmes. Os seus discípulos são ainda mais dogmáticos do que ele; Lucrécio considera este sistema como a expressão da verdade absoluta.

Aristóteles tinha proclamado a independência e a legitimidade dos estudos especulativos; tinha posto a necessidade de saber num lugar principal entre os apetites naturais do homem, e tinha sustentado que o esforço que despendemos em contentá-lo é o mais nobre emprego que podemos dar à nossa atividade, que as ciências devem ser mais estimadas quanto mais inúteis são, e, por fim, que as virtudes teóricas são mais perfeitas do que as virtudes práticas.

A doutrina de Epicuro é muito menos ambiciosa; a vida prática deve ser não somente a nossa principal mas também a nossa única preocupação. A filosofia não é uma ciência, é uma regra de procedimento: "Epicuro dizia que a filosofia era uma atividade destinada a estabelecer, por meio de raciocínios e de discussões, uma vida feliz".[9] Devemos filosofar não em palavras mas em atos; a filosofia não deve ser uma ciência de que se ande fazendo gala. Epicuro escrevia a Pítocles: "Meu caro, foge a todo pano da ciência". Proscrevia também rigorosamente e pelos mesmos motivos a cultura das artes. Eis o que ele dizia não somente da geometria, da aritmética e da astronomia, mas também da música e da poesia: "De falsas bases nada pode vir que seja verdadeiro e, se alguma coisa houvesse de verdadeiro, nada poderia trazer para vivermos com mais prazer, isto é, melhor... Nos poetas não há nenhuma sólida utilidade e todo o seu deleite é pueril".[10] Professava também um profundo desprezo pela investigação curiosa da história: visto que o passado é passado, por que motivo nos temos nós de inquietar com ele?

---

[9] *Sexto Empírico, Adv. Math. (Ethicos).XI, 169*

[10] *Cícero, op. cit., I, XXI.*

Não estudaremos, portanto, os fenômenos físicos senão porque nos é impossível não darmos por eles, não lhes procurar explicação, e somente na medida em que deles pudermos tirar qualquer indicação útil para o nosso procedimento. Epicuro sentiu, e isto nos mostra que era um espírito verdadeiramente filosófico, a sede de unidade que atormenta a inteligência humana, a necessidade de pôr de acordo as nossas crenças teóricas e os nossos princípios práticos, de alicerçar as regras da nossa moral sobre uma concepção da nossa natureza e do universo em que estamos colocados. Todo o sistema não é na realidade senão moral, teoria da felicidade; ora, não há felicidade possível para o homem enquanto está atormentado pelo medo da morte e pelo temor dos deuses; é preciso, portanto, libertá-lo desse medo, fazendo-lhe conhecer as leis e os princípios da natureza; por fim, para fazer compreender a solidez das explicações que lhe fornecem e para o garantir contra as seduções do erro, é preciso determinar os meios que temos de conhecer a verdade e de a discernir do que é falso. A canônica e a física são necessárias; mas, ainda mais uma vez, não as devemos estudar senão pelos serviços que prestam à moral, e não devemos de modo algum inquietar-nos com os problemas que não têm relações com a vida prática. O que faz o valor da canônica é que ela fundamenta em nós a certeza; ora, a certeza é um dos contrafortes da felicidade, visto que só ela dá a segurança e a ataraxia. A canônica, na realidade, não é mais do que uma parte da física. A física liberta o homem dos preconceitos e dos terrores que o impedem de ser feliz; a moral ensina-lhe de forma positiva os meios de chegar à felicidade.

Epicuro determinava assim o objeto das três partes da ciência: a canônica estuda "o juízo, os fundamentos e os elementos da lógica"; a física, "a gênese, a destruição e a natureza"; a moral, "o que se tem de adotar e o que se tem de evitar, a maneira de viver e os fins do homem". Não atribui às outras partes da filosofia senão uma importância secundária; não temos, pois, que nos admirar se as suas teorias nos parecem fracas e facilmente criticáveis. Limita-se a afirmar que não discute; acha que não vale a pena; tem pressa de chegar a questões verdadeiramente sérias e interessantes. Mas achamos muito injusta a condenação que Ritter

pronunciou em termos tão categóricos: "Não podemos ver no conjunto das teorias de Epicuro um todo cujas partes estejam bem ligadas entre si. Ê evidente que a canônica e a física não são mais do que um apêndice desastrado da moral. Mas quem poderia fazer o elogio da moral de Epicuro, quer por causa das verdades que encerra, ou mesmo pela sua originalidade ou até pelo encadeamento lógico que a domina? Primeiro não a vemos original... Não se pode dizer que seja uma doutrina bem deduzida... Parece-nos uma doutrina de pouco valor científico".[11]

ANTOLOGIA
DE
TEXTOS DE EPICURO

I

A filosofia e o seu objetivo

Todo desejo incômodo e inquieto se dissolve no amor da verdadeira filosofia.

*

Nunca se protele o filosofar quando se é jovem, nem canse o fazê-lo quando se é velho, pois que ninguém é jamais pouco maduro nem demasiado maduro para conquistar a saúde da alma. E quem diz que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou assemelha-se ao que diz que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz.

**

Deves servir à filosofia para que possas alcançar a verdadeira liberdade.

*

[11] *Ritter, Histoire de la Philosophie Ancienne, III, 412.*

Assim como realmente a medicina em nada beneficia, se não liberta dos males do corpo, assim também sucede com a filosofia, se não liberta das paixões da alma.

*

Não pode afastar o temor que importa para aquilo a que damos maior importância quem não saiba qual é a natureza do universo e tenha a preocupação das fábulas míticas. Por isso não se podem gozar prazeres puros sem a ciência da natureza.

*

Antes de tudo, considerando a divindade incorruptível e bem-aventurada, não se lhe deve atribuir nada de incompatível com a imortalidade ou contrário à bem-aventurança.

*

Realmente não concordam com a bem-aventurança preocupações, cuidados, iras e benevolências

*

O ser bem-aventurado e imortal não tem incômodos nem os produz aos outros, nem é possuído de iras ou de benevolências, pois é no fraco que se encontra qualquer coisa de natureza semelhante..

*

Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem se encontram na sensibilidade: e a morte é a privação da sensibilidade.

*

É insensato aquele que diz temer a morte, não porque ela o aflija quando sobrevier, mas porque o aflige o prevê-la: o que não nos perturba quando está presente inutilmente nos perturba também enquanto o esperamos.

*

O limite da magnitude dos prazeres é o afastamento de toda a dor. E onde há prazer, enquanto existe, não há dor de corpo ou de espírito, ou de ambos.

*

A dor do corpo não é de duração contínua, mas a dor aguda dura pouco tempo, e aquilo que apenas supera o prazer da carne não permanece nela muitos dias. E as grandes enfermidades têm, para o corpo, mais abundante o prazer do que a dor.

*

O essencial para a nossa felicidade é a nossa condição íntima: e desta somos nós os amos.

II

Canônica ou teoria do conhecimento

Se recusas todas as sensações, não terás mais possibilidade de recorrer a nenhum critério para julgar as que, entre elas, consideras falsas.

*

Da superfície dos corpos se desprende um eflúvio contínuo, que se não manifesta como diminuição, visto que se encontra compensado pelo afluxo e conserva durante muito tempo a posição e a ordem dos átomos do corpo sólido.

*****

A estas imagens chamamos simulacros.

*

A semelhança das imagens com as coisas que chamamos reais e verdadeiras não existiria se não houvesse semelhantes emanações.

A falsidade ou o erro está sempre no juntar-se de uma opinião.

*

Não haveria erro se não concebêssemos também outro movimento em nós próprios, unido com ele, mas distinto: por isto, se não é confirmado ou desmentido nasce o erro, se é confirmado ou não desmentido, a verdade.

Cingindo-se bem aos fenômenos, podem fazer-se induções a respeito do que nos é invisível.

*

Tem de saber-se extrair pelo raciocínio conclusões concordantes com os fenômenos.

*

A sensação deve servir-nos para proceder, raciocinando, à indução de verdades que não são acessíveis aos sentidos.

*

É verdadeiro tanto o que vemos com os olhos como aquilo que apreendemos mediante a intuição mental.

[Para a explicação dos fenômenos naturais] não se deve recorrer nunca à natureza divina; antes, deve-se conservá-la livre de toda a tarefa e em sua completa bem-aventurança.

*

Deve recordar-se sempre o método da multiplicidade [de causas possíveis para os fenômenos naturais].

**

Pelo contrário, quem só admite uma rejeita a evidência dos fenômenos e não cumpre a exigência de examinar tudo o que é possível ao homem,

*

Adquire-se tranqüilidade sobre todos os problemas resolvidos com o método da multiplicidade de acordo com os fenômenos quando se cumpre com a exigência de deixar subsistir as explicações convincentes. Pelo contrário, quando se admite uma e se exclui a outra, que se harmoniza igualmente com o fenômeno, é evidente que se abandona a investigação naturalista para se cair no mito.

III

Física

Antes de mais, nada provém do nada, pois que então tudo nasceria sem necessidade de sementes. E, se se dissolvesse no nada tudo o que desaparece, todas as coisas seriam destruídas, anulando-se as partes nas quais se decompunham. E

também é certo que o todo foi sempre tal como é agora e será sempre assim, pois nada existe nele que possa mudar-se. Com efeito, mais além do todo não existe nada que penetrando nele produza a sua transformação.

*

Também o universo é corpo e espaço: com efeito, a sensação testemunha em todos os casos que os corpos existem e, conformando-nos com ela, devemos argumentar com o raciocínio sobre aquilo que não é evidente aos sentidos. E se não existisse o espaço, que é chamado vazio, lugar e natureza impalpável, os corpos não teriam onde estar nem onde mover-se.

Alguns corpos são compostos, e outros elementos dos compostos; e estes últimos são indivisíveis e imutáveis, visto que é forçoso que alguma coisa subsista na dissolução dos compostos; se assim não fosse, tudo deveria dissolver-se em nada. São sólidos por natureza, porque não têm nem onde nem como dissolver-se. De maneira que é preciso que os princípios sejam substâncias corpóreas e indivisíveis.

*

Não é necessário supor que num corpo limitado existam corpúsculos em número infinito nem de qualquer tamanho. Por conseguinte, não só devemos excluir a divisão ao infinito, em partes cada vez menores para não privarmos o todo da capacidade de resistência e nos vermos constrangidos, na concepção dos compostos, a reduzir os seres ao nada mediante a compressão, como também não deve supor-se que nos corpos limitados exista a possibilidade de continuar passando até o infinito a partes cada vez menores. Porque, se se afirma que num corpo existem corpúsculos em número infinito e em todos os graus de pequenez, é impossível conceber como terminaria isto, e então como poderia ser limitada a grandeza de cada corpo? Qualquer que fosse a grandeza dos corpúsculos, também seria infinita a grandeza dos corpos.

*

Os átomos têm uma inconcebível variedade de formas, pois que não poderiam nascer tantas variedades se as suas formas fossem limitadas. E, para cada forma, são absolutamente infinitos os semelhantes, ao passo que as variedades não são absolutamente infinitas, mas simplesmente inconcebíveis.

E deve supor-se que os átomos não possuem nenhuma das qualidades dos fenômenos, exceto forma, peso, grandeza e todas as outras que são necessariamente intrínsecas à forma. Porque toda a qualidade muda, mas os átomos não mudam, visto que é necessário que na dissolução dos compostos permaneça alguma coisa de sólido e de indissolúvel que faça realizar as mudanças, não no nada ou do nada, mas sim por transposição.

E o todo é infinito, pois o finito tem um limite extremo e o limite extremo se considera com referência a outro, visto que não tendo extremo não tem limite e não tendo limite é infinito e não limitado. Além disso, o universo também é infinito pela multidão dos corpos e pela extensão do. vazio. Se o vazio fosse infinito e os corpos limitados, estes não permaneceriam em nenhum lugar, mas seriam levados a dispersar-se no vazio infinito, visto que não teriam nenhum apoio nem seriam contidos por choques. E, se o vazio fosse limitado, os corpos infinitos não teriam lugar Onde estar.

*

Os átomos encontram-se eternamente em movimento contínuo, e uns se afastam entre si uma grande distância, outros detêm o seu impulso, quando ao se desviarem se entrelaçam com outros ou se encontram envolvidos por átomos enlaçados ao seu redor. Isto o produz a natureza do vazio, que separa cada um deles dos outros, por não ter capacidade de oferecer resistência. Então a solidez própria dos átomos, por causa do choque, lança-os para trás, até que o entrelaçamento não anule os efeitos do choque. E este processo não tem princípio, pois são eternos os átomos e o vazio.

*

É, além disso, necessário que os átomos se movam com igual velocidade quando avançam no vazio sem que se choquem com coisa alguma; com efeito os pesados não se moverão mais velozmente do que os pequenos e leves.

*

Há também mundos infinitos, ou semelhantes a este ou diferentes. Com efeito, sendo os átomos infinitos em número, como já se demonstrou, são levados aos espaços mais distantes. Realmente, tais átomos, dos quais pode surgir ou formar-se um mundo, não se esgotam nem em um nem num número limitado de mundos, quer sejam semelhantes quer sejam diversos destes. Por isso nada impede a infinidade dos mundos.

*

É necessário crer que os mundos e toda combinação finita nascem do infinito.

*

Todos se dissolvem de novo, alguns mais lentamente e outros mais rapidamente, sofrendo um umas ações e outros outras.

E semelhante mundo pode nascer num mundo ou num intermundo (assim chamamos a um intervalo entre os mundos), num espaço que contenha muito vazio — mas não no grande espaço puro e vazio, como dizem alguns —, afluindo a ele princípios aptos de um mundo ou intermundo, de um só ou de vários, fazendo, pouco a pouco, acumulações, conexões e transposições a outro lugar, se assim sucede, e afluência de núcleos aptos até lograr o seu acabamento e a detenção do seu crescimento.

*

A alma é corpórea, composta de partículas sutis, difusa por toda a estrutura corporal, muito semelhante a um sopro que contenha uma mistura, de calor, semelhante um pouco a um e um pouco a outro, e também muito diferente deles pela sutileza das partículas, e também por este lado capaz de sentir-se mais em harmonia com o resto do organismo. Tudo isto manifestam as faculdades da alma,

os afetos, os movimentos fáceis e os processos mentais, privados dos quais morremos. E é necessário admitir que a alma leva em si causa principal das sensações, mas certamente estas se não produziriam se de algum modo não estivessem contidas no resto do organismo. E o resto do organismo, tendo preparado esta capacidade causal, participa ele próprio, por meio dela, de semelhante condição, mas não de todas as condições que ela adquire: por isso, quando a alma se separa do corpo, este perde a sensibilidade. Efetivamente não tinha em si esta faculdade, mas preparava-a para a outra, nascida juntamente com ele, a qual, posteriormente, pela faculdade nela desenvolvida por meio do movimento, desenvolvendo imediatamente para si a condição da sensibilidade, dava participação ao corpo, por contato e correspondência, como já disse. É por isso que a alma, enquanto permanece no corpo, nunca pode perder a sensibilidade, mesmo se desaparece alguma parte do corpo, enquanto persiste uma excitação à sensação, mesmo se desaparece também alguma faculdade da alma em virtude de uma destruição do corpo, quer no seu todo quer nas suas partes. O corpo, pelo contrário, mesmo que fique intato, quer no seu todo quer nas suas partes, deixa de possuir sensibilidade quando dele se afastou o princípio que retém unida a multidão dos átomos que constituem a natureza da alma. É, também, no entanto, verdadeiro dizer-se que, logo que se dissolve inteiramente o corpo, a alma se dissipa, e disseminada perde a sua força e os seus movimentos, de tal modo que também ela se torna insensível.

IV

Ética

Chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda a escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem com critério do efeito que nos produz.

*

Nem a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou o poder produzem a felicidade e a bem-aventurança; produzem-na a

ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição de espírito que se mantenha nos limites impostos pela natureza.

*****

A ausência de perturbação e de dor são prazeres estáveis; por seu turno, o gozo e a alegria são prazeres de movimento, pela sua vivacidade.

*

Quando dizemos, então, que o prazer é fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como crêem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma.

*

A imediata desaparição de uma grande dor é o que produz insuperável alegria: esta é a essência do bem, se o entendemos direito, e depois nos mantemos firmes e não giramos em vão falando do bem.

E como o prazer é o primeiro e inato bem, é igualmente por este motivo que não escolhemos qualquer prazer; antes, pomos de lado muitos prazeres quando, como resultado deles, sofremos maiores pesares; e igualmente preferimos muitas dores aos prazeres quando, depois de longamente havermos suportado as dores, gozamos de prazeres maiores. Por conseguinte, cada um dos prazeres possui por natureza um bem próprio, mas não deve escolher-se cada um deles; do mesmo modo, cada dor é um mal, mas nem sempre se deve evitá-las. Convém, então, valorizar todas as coisas de acordo com a medida e o critério dos benefícios e dos prejuízos, pois que, segundo as ocasiões, o bem nos produz o mal e, em troca, o mal, o bem.

*

Formula a seguinte interrogação a respeito de cada desejo: que me sucederá se se cumpre o que quer o meu desejo? Que me acontecerá se não se cumpre?

*

Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros são naturais e não necessários; outros nem naturais nem necessários, mas nascidos apenas de uma vã opinião.

*

Aqueles desejos que não trazem dor se não são satisfeitos não são necessários; o seu impulso pode ser facilmente posto de parte, quando é difícil obter a sua satisfação ou parecem trazer consigo algum prejuízo.

*

Não deve supor-se antinatural que a alma ressoe com os gritos da carne. A voz da carne diz: não se deve sofrer a fome, a sede e o frio. E é difícil para a alma opor-se; antes, é perigoso para ela não escutar a prescrição da natureza, em virtude da sua exigência inata de bastar-se a si própria.

Realmente não sei conceber o bem, se suprimo os prazeres que se apercebem com o gosto, e suprimo os do amor, os do ouvido e os do canto, e ponho também de lado as emoções agradáveis causadas à vista pelas formas belas, ou os outros prazeres que nascem de qualquer outro sentido do homem. Não é também verdade que a alegria espiritual seja a única da ordem dos bens, porque sei também que a inteligência se alegra pelo seguinte: pela esperança de tudo aquilo que nomeei antes e em cujo gozo a natureza pode permanecer isenta de dor.

Quando te angustias com as tuas angústias, te esqueces da natureza: a ti mesmo te impões infinitos desejos e temores.

*

Então quem obedece à natureza e não às vãs opiniões a si próprio se basta em todos os casos. Com efeito, para o que é suficiente por natureza, toda a aquisição é riqueza, mas, por comparação com o infinito dos desejos, até a maior riqueza é pobreza.

*

E consideramos um grande bem o bastar-se a si próprio, não com o fim de possuir sempre pouco, mas para nos contentarmos com pouco no caso em que não

possuamos muito, legitimamente persuadidos de que desfrutam da abundância do modo mais agradável aqueles que menos necessidades têm, e que é fácil tudo o que a natureza quer e difícil o que é vaidade.

*

Se queres enriquecer Pítocles, não lhe acrescentes riquezas: diminui-lhe os desejos.

*

Encontro-me cheio de prazer corpóreo quando vivo a pão e água e cuspo sobre os prazeres da luxúria, não por si próprios, mas pelos inconvenientes que os acompanham.

*

A quem não basta pouco, nada basta.

*

Não deves corromper o bem presente com o desejo daquilo que não tens; antes, deves considerar também que aquilo que agora possuis se encontrava no número dos teus desejos.

*

Quem menos sente a necessidade do amanhã mais alegremente se prepara para o amanhã.

*

A vida do insensato é ingrata, encontra-se em constante agitação e está sempre dirigida para o futuro.

**

Recordemos que o futuro não é nosso nem de todo não nosso, para não termos de esperá-lo como se estivesse para chegar, nem nos desesperarmos como se em absoluto não estivesse para vir.

*

Cura as desgraças com a agradecida memória do bem perdido e com a convicção de que é impossível fazer que não exista aquilo que já aconteceu.

*

Não são os convites e as festas contínuas, nem a posse de meninos ou de mulheres, nem de peixes, nem de todas as outras coisas que pode oferecer uma suntuosa mesa, que tornam agradável a vida, mas sim o sóbrio raciocínio que procura as causas de toda a escolha e de toda a repulsa e põe de lado as opiniões que motivam que a maior perturbação se apodere dos espíritos. De todas estas coisas, o princípio e o maior bem é a prudência, da qual nascem todas as outras virtudes; ela nos ensina que não é possível viver agradavelmente sem sabedoria, beleza e justiça, nem possuir sabedoria, beleza e justiça sem doçura. As virtudes encontram-se por sua natureza ligadas à vida feliz, e a vida feliz é inseparável delas.

*

A justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista um pacto de não produzir nem sofrer dano.

Entre os animais que não puderam fazer pactos para não provocar nem sofrer danos, não existe justo nem injusto; e o mesmo sucede entre povos que não puderam ou não quiseram concluir pactos para não prejudicar nem ser prejudicados.

*

Das normas prescritas como justas, o que é considerado útil nas necessidades da convivência recíproca tem o caráter do justo, embora no fim não seja igual para todos os casos. Se, pelo contrário, se estabelece uma lei que depois não se revela conforme a utilidade da convivência recíproca, então já não conserva o caráter do justo.

*

O sábio não participará da vida pública se não sobrevier causa para tal. Vive ignorado.

Da segurança, obtida até certo limite pelos homens, deriva, cheia de força e de puríssima facilidade de vida, a segurança da existência tranqüila e afastada da turba.

*

Não realizes na tua vida nada que, se for conhecido por teu próximo, te possa acarretar temor.

*

A serenidade espiritual é o fruto máximo da justiça.

*

O justo é sumamente sereno, o injusto cheio da maior perturbação.

Realizará o sábio coisas que a lei proíbe, sabendo que permanecerão ocultas? Não é fácil encontrar uma resposta absoluta.

O homem que tenha alcançado o fim da espécie humana será honesto mesmo que ninguém se encontre presente. .

*

As leis existem para os sábios, não para impedir que cometam, mas para impedir que recebam injustiça.

*

De todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade.

*

Toda amizade é desejável por si própria, mas inicia-se pela necessidade do que é útil.

*

Não temos tanta necessidade da ajuda dos amigos como de confiança na sua ajuda.

*

Não é amigo quem sempre busca a utilidade, nem quem jamais a relaciona com a amizade, porque um trafica para conseguir a recompensa pelo benefício e o outro destrói a confiada esperança para o futuro..

*

No que se refere à amizade, não há que apreciar nem os que estão sempre dispostos nem os que recuam, pois que por ela se devem afrontar os perigos.

*

A natureza, única para todos os seres, não fez os homens nobres ou ignóbeis, mas sim as suas ações e as disposições de espírito.

**

Devemos escolher um homem bom e tê-lo sempre diante dos olhos, para vivermos como se ele nos observasse e para fazermos tudo como se ele nos visse.

Não é ao jovem que se deve considerar feliz e invejável, mas ao ancião que viveu uma bela vida. O jovem na flor da juventude é instável e é arrastado em todas as direções pela fortuna; pelo contrário, o velho ancorou na velhice como em um porto seguro e os bens que antes esperou cheio de ansiedade e de dúvida os possui agora cingidos com firme e agradecida lembrança.

*

Recorda-te de que, ainda que sejas de natureza mortal e com um limite finito de vida, te debruçaste, mediante a investigação da natureza, no que é infinito e eterno, e contemplaste o que é agora, será e sempre foi no tempo transcorrido.

*

O sábio que se pôs à prova nas necessidades da vida, melhor sabe dar generosamente que receber: tão grande é o tesouro de íntima segurança e independência dos desejos que em si possui.

*

Ele prefere a sabedoria desafortunada à insensatez com fortuna, ainda que pense que o melhor de tudo é que nas ações o juízo sábio seja acompanhado da fortuna próspera.

*

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus. donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede?